



O desafio das operadoras para apoiar pacientes com TEA

Pressão assistencial, custos crescentes e a busca por modelos mais sustentáveis de cuidado

Crescimento do TEA no Brasil

A demanda cresce mais rápido que a capacidade do sistema



O Transtorno do Espectro Autista (TEA) deixou de ser um tema restrito à infância ou à saúde pública. O aumento consistente dos diagnósticos nos últimos anos tem ampliado a pressão sobre operadoras de saúde, redes assistenciais e empresas.

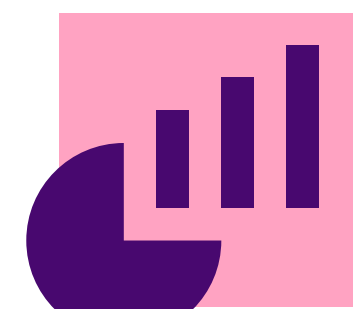
Dados demográficos

(IBGE - Censo 2022)



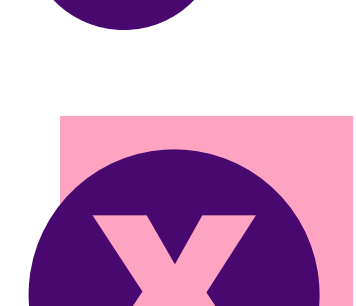
2,4

milhões de brasileiros com diagnóstico de TEA (1,2% da população)



1 em 38

crianças entre 5-9 anos têm diagnóstico de TEA (2,6% dessa faixa etária)



8-20%

dos diagnósticos avaliados por operadoras especializadas apresentam erros

O crescimento do TEA é estrutural e não conjuntural

Por que as operadoras de saúde enfrentam dificuldades?

Os gargalos do modelo atual

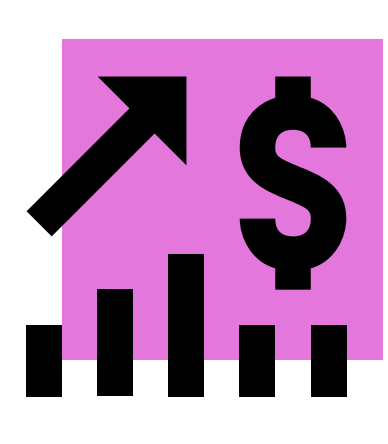
Apesar dos avanços regulatórios e assistenciais, as operadoras lidam com desafios relevantes para garantir acesso, qualidade e sustentabilidade no cuidado ao TEA.

Principais gargalos



Rede credenciada insuficiente

- Escassez de profissionais especializados
- Custos elevados das terapias intensivas
- Processos complexos de autorização que geram desgaste para famílias e operadoras
- Ambiente regulatório desafiador com judicialização crescente



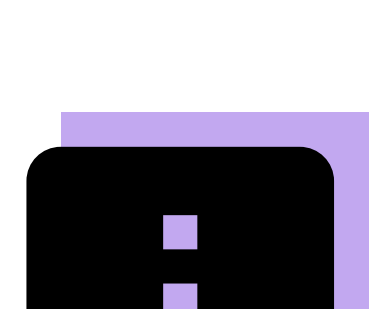
Pressão de custos crescentes

- Terapias intensivas podem ultrapassar R\$ 30.000/mês por paciente (20-40h semanais)
- Expectativa de aumento de 11% nos custos médicos em 2026, segundo a pesquisa global de tendências médicas da WTW
- Crescimento de 74,38% nos custos com terapias TEA nas operadoras (Abramge)



Autorizações complexas

- Falta de diretrizes clínicas claras estratificando nível TEA e respectivos protocolos de tratamento
- Liberação irrestrita de terapias pela ANS
- Demora nas autorizações de tratamento
- Dificuldade na validação técnica dos pedidos
- Inconsistência nos critérios de aprovação



Desafios regulatórios

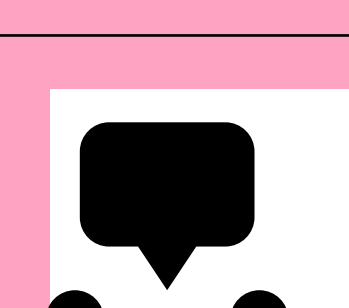
- Adequação às exigências da ANS
- Judicialização crescente
- Aumento da complexidade operacional
- Elevação dos custos administrativos

O desafio não é apenas de acesso, é coordenação do cuidado.

Impacto para as empresas

Quando o desafio assistencial vira um tema corporativo

As dificuldades no cuidado ao TEA não ficam restritas às operadoras. Elas impactam diretamente as empresas e a experiência dos colaboradores.



Efeitos mais frequentes:

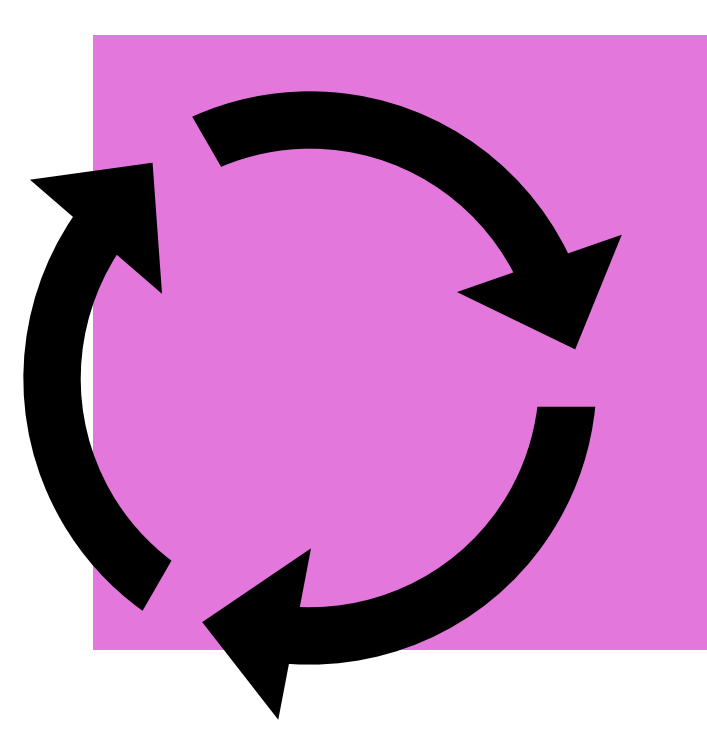
- Aumento da sinistralidade nos planos de saúde empresariais
- Afastamentos e redução de produtividade, especialmente entre cuidadores
- Diante da complexidade do sistema, as áreas de RH têm dificuldade em orientar famílias
- Pressão emocional e financeira sobre empregados

O TEA é um tema de saúde, mas também de pessoas, cultura e sustentabilidade do benefício.

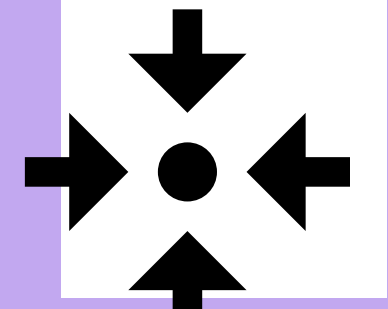
O que pode ajudar?

Caminhos para um modelo mais sustentável

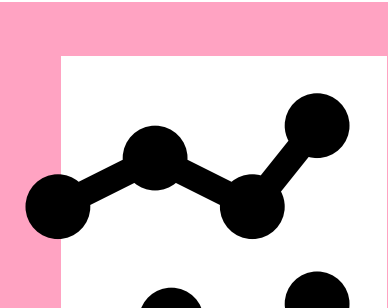
Superar os desafios do TEA exige uma mudança de abordagem: sair do modelo reativo e avançar para uma gestão estruturada do cuidado.



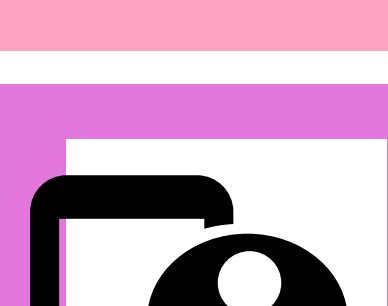
Alavancas estratégicas



A gestão ativa da rede credenciada permite maior previsibilidade e qualidade assistencial. Modelos de cuidado coordenado ajudam a integrar terapias, reduzir desperdícios e melhorar a jornada das famílias.



O uso de inteligência artificial e dados analíticos contribui para auditoria, controle de custos e antecipação de riscos. Parcerias com consultorias especializadas apoiam operadoras e empresas na estruturação de estratégias mais equilibradas e sustentáveis.



Operadoras já buscam alternativas de atendimento digital para localidades sem recursos especializados.

Sustentabilidade nasce da combinação entre dados, cuidado e governança

O avanço do TEA desafia todo o ecossistema de saúde suplementar. Para operadoras e empresas, o caminho passa por decisões baseadas em dados, coordenação do cuidado e uma visão integrada entre saúde, benefícios e pessoas.